



# Queer/Cuir das Américas: tradução, decolonialidade<sup>1</sup> e o incomensurável

Editores: Diego Falconí Trávez

(Universitat Autònoma de Barcelona/Universidad San Francisco de Quito),

Lourdes Martínez-Echazábal (Universidade de Califórnia Santa Cruz/Universidade Federal de Santa Catarina), Joseph M. Pierce (Stony Brook University), Salvador Vidal-Ortiz (American University) e Maria Amelia Viteri (Universidad San Francisco de Quito)

## Encontros cuir

Como articular o *cuir* (com “c”) no discurso contemporâneo? É possível construir uma genealogia cuir com formas espaço-temporais que vão além da cronologia e que não se baseiem apenas na episteme ocidental como conhecimento legitimador? Como inserir ações sexodissidentes locais e que por muito tempo foram omitidas nas histórias globais de gênero? Podem-se montar espaços em que o pensamento local de desobediência sexual no Sul dialogue com aquele construído em plataformas globais no Norte, como o *queer*? O que fazer se certas realidades, quando colocadas no mesmo plano, são incomensuráveis? Quais são as respostas acadêmicas para lidar com essa assimetria? Algumas dessas questões fizeram parte das discussões iniciais que nos levaram a pensar sobre o dossiê que apresentamos hoje, publicado parte na *Periódicus* (Brasil), parte na *El lugar sin límites* (Argentina - <http://revistas.untref.edu.ar/index.php/ellugar>) e outra parte na *GLQ* (EUA - <https://read.dukeupress.edu/glq>).

Incapazes de (e nos resistindo a) articular uma genealogia-outra do *cuir* (entre outras coisas, porque o significante *cuir* continua sendo ressignificado nas Américas, no Caribe e nas diásporas e, de fato, nem<sup>2</sup> sequer tem um único significante), fazer um trabalho que saia de nosso

1 Usamos a palavra decolonial seguindo as reflexões de Walsh (2009).

2 Palavras como *cuy* (r) são evidência dessa instabilidade da palavra cuir. Embora o *queer* tenha sido teorizado e traduzido na região (Rapisardi, 2005; Alvarez, 2009), o ato de tradução em si tem sido questionado (a cuirização da tradução) (Sabsay, 2012). Somos testemunhas de como o *queer* tem sido interpelado (Pierce, 2019; Richard, 2018), tem sido magoado (Falconí Trávez, 2016), localizado (La Fountain-Stokes, 2014), transbordado (Viteri, 2014) e parodiado (Rivas, 2011).



limitado perímetro acadêmico, ou rastrear o pensamento e a prática sexodissidente a partir de nossa realidade letrada (que certamente teria excluído formas poderosas de conhecimento), pensamos que seria possível e desejável articular um documento de *encontro*.

E, mais cedo ou mais tarde, em um (ou muitos) eventos estadunidenses ou latino-americanos (muitas vezes vinculados não ao que era a teoria ou a política queer, mas ao que não era) nós, que escrevemos este texto, já nos tínhamos *encontrado*<sup>3</sup>. Nossa enunciação espacial compartilhada desejava/ansiava por coisas semelhantes. Como minorias sexuais racializadas e marcadas pela colonialidade - seja nos Estados Unidos, seja como parte de formações diaspóricas latinxs ou ligadas ao país do Norte - o mesmo filtro racial e colonial que legitimou De Lauretis, Butler, Sedgwick ou Halberstam também diminuiu a importância das contribuições de Fiol-Matta (que teorizou o homonacionalismo antes de Puar) ou Muñoz (que ressaltou as críticas à teoria *queer*). Na Europa, acadêmicxs-migrantes *sudacas* racializadxs enfrentaram desafios racistas e coloniais semelhantes, ao questionar a produção de conhecimento em uma Espanha que resolveu promover o trabalho de Preciado, ou uma introdução aos livros teóricos *queer* espanhóis, mas não os da *Nuestra América Tortillera*, como Brasil, México, Porto Rico, Equador ou Argentina, muitos dos quais estavam em circulação desde antes.

Este dossiê é um dos múltiplos pontos em uma impossível genealogia *cuir* e um desses espaços que busca expandir o encontro hemisférico. Nele quisemos que coexistissem ideias personificadas, registros corporais, modos de enunciação, desejos de diálogo crítico, focados em como não pode mais haver uma, assim chamada, narrativa do desenvolvimento (Norte-Sul), com privilégios baseados em classe, raça e colonialidade como pilares para os usos, muitas vezes sensuais, da teoria *queer* na América Latina. Embora estejamos interessados em descrever quais circunstâncias e contextos nos levaram à conjuntura atual - neste momento em que estamos discutindo as trajetórias das teorias *queer* e *cuir* - não queremos insinuar que há uma história

---

3 Duas reuniões aconteceram aproximadamente na mesma época em maio de 2015: uma nos EUA (uma sessão de 2 dias de Queer Hemisphere na Universidade da Califórnia, Santa Cruz, organizada por Marcia Ochoa, Deborah Vargas e Kirstie Dorr), e uma reunião (convocada por María Amelia Viteri) para compartilhar uma refeição entre colegas em Porto Rico (aproveitando os encontros da Associação de Estudos Latino-Americanos, LASA, que já estavam acontecendo lá), no que se tornou o Cuir Américas Working Group ou, em espanhol, Grupo de Trabajo Feminista/Queer/Cuir, ou em português, Grupo de Trabalho Feminista/Queer/Cuir. Embora essas reuniões tenham servido como primeiros indícios para conectar os Estados Unidos e suas colônias a um projeto hemisférico mais amplo e contínuo, ambos os espaços colocaram em primeiro plano um fio de conversas compartilhadas em conferências anteriores que ocorreram no Brasil e depois no Equador; alguns desses esforços precedem o texto escrito, como muitas vezes também acontece com colaborações não acadêmicas. O trabalho envolvido nesta edição especial decorre do trabalho que vem sendo realizado há mais de cinco anos pelo Grupo de Trabajo Feminista/Queer/Cuir (ver Viteri 2017). Nossa rede de acadêmicxs queer que trouxe esta iniciativa, juntamente com o Queer Hemisphere, foi construída através de diferentes espaços e com diferentes temporalidades. A subversão dos Andes através de Repensar lo Queer (organizado por María Amelia Viteri, Diego Falconí e Santiago Castellanos; [ver Falconí Trávez, 2021]), deu origem à Quinta Conferência Internacional de Queering Paradigms realizada em Quito, Equador (organizada por María Amelia Viteri e Manuela Picq [ver Viteri e Picq, 2014]).



singular que dá origem ao cuir. Em vez disso, estamos apresentando como o encontro com/em/de gera tensões, ressonâncias e contradições. Ao fazê-lo, resistimos à tendência de atribuir prioridade (uma compreensão hierárquica) a uma série de percepções, personificações e desejos que sempre estiveram em andamento; e que, além disso, são multidiaspóricos. Questionar essas rotas, em vez de focar nas raízes do *queer*, é, em nossa opinião, uma maneira mais desafiadora, mas, em última análise, mais ética de abordar as vibrações das teorias *queer* através do tempo e do espaço.

Todas essas questões nos levaram a propor uma publicação simultânea em três periódicos orientados para o estudo das sexualidades: *Periódicus* (Brasil), *El lugar sin límites* (Argentina) e *GLQ* (EUA) em colaboração com o *Grupo de Trabajo Feminista/Queer/Cuir* (*Cuir Américas Working Group*). O dossiê contém 15 textos.<sup>4</sup> Os artigos foram publicados em inglês e espanhol e a mesa redonda será publicada em português, inglês e espanhol nas respectivas revistas parceiras. Pudemos incluir poemas de autoria não binária e travesti (este último termo referindo-se a uma determinada localização social trans, principalmente na Argentina<sup>5</sup>); bem como ilustrações de Lino Arruda. Este projeto editorial, um desafio e ao mesmo tempo um privilégio nessa narrativa do encontro espaço-temporal acadêmico hemisférico produziu (e acreditamos que produzirá) uma série de *desencontros*, devido à iniquidade presente em nosso continente e à pluralidade de corpos e subjetivações que o habitam.

### Desencontros cuir

O pensamento anticolonial (especialmente aquele focado na ancestralidade) nos ensinou que o conhecimento não é monolítico, e que, ao invés de uma dialética hegeliana, um binarismo complementar no conhecimento vai além e se move através de opostos hierárquicos (homem/mulher, branco/preto, hetero/homo, Norte/Sul).

Grandes desencontros ou discordâncias seguiram-se à reunião de nossos corpos (encontros) dada nossa bagagem pesada e densa, às vezes descrita através de etiquetas identitárias. Latinxs, latinxs nos EUA, *mestizxs*, latino-americanxs, migrantes latino-americanxs, pessoas afrodescendentes ou indígenas que não podíamos pensar a ideia despolitizante de um mosaico de culturas baseado em desequilíbrios raciais. Bichas, sapatões, bi ou pessoas de gênero não binário que, com privilégios diferentes, tivemos que negociar com as classificações ideológicas de gênero. Desde professorxs titulares até cargos adjuntos em vários locais de

4 Onze artigos, uma mesa redonda, um conjunto de poemas, um registro gráfico e esta introdução.

5 Destacamos isso porque a palavra travesti é muitas vezes confundida com uma tradução literal do inglês "travesty" ou "transvestite", o que explica a falta de tradução e circulação desse termo no Norte, e para uma imposição singular de interpretação de termos sexodissidentes emergentes a partir espaços - outros em relação ao Norte.



diferentes universidades continentais ou hemisféricas, com ou sem um cargo fixo, as diferentes posições na carreira acadêmica implicaram uma dedicação diferente ao dossiê. Como caribenhx, andinx, do Cone Sul ou dos EUA, estávamos cientes das variáveis nacionais e da falsa promessa de uma "América Latina" unitária. E, no entanto, essa heterogeneidade e tensão identitária nos deram a forma final de aprendizagem para os propósitos deste número.

Uma pergunta inevitável se expressa entre essas linhas: se nossos encontros ocorreram apesar de nossos desejos no contexto de um empreendimento acadêmico que se valoriza (e valoriza nosso trabalho e pensamento) através de lentes neoliberais, é possível que não haja desencontros? No entanto, a persistência e a violência das políticas antidireitos em grande parte do hemisfério<sup>6</sup> são um ímã que nos convoca com frequência. A necessidade de conspirar juntos é um lembrete de como o desencontro deve nos obrigar a continuar a nos encontrar.

### Desejos decoloniais

Cada umx de nós é marcadx e envolvidx, de uma forma ou de outra, por nossas relações e legados coloniais. Supor que o questionamento das condições desiguais que antecedem a elaboração de teorias e a produção de conhecimento - que decorrem dos desequilíbrios de poder Norte-Sul (global) - mudará estruturalmente esses desequilíbrios seria não só ingênuo, mas irresponsável. Assim, surgem novas questões, por exemplo, duas urgentes: como repensar nossa compreensão da linguagem que estamos usando e através de quais vozes? Uma vez que as palavras agem como territórios quando se tornam lugares da teoria, existem maneiras de "des-narrar" e, ao mesmo tempo, queerizar o colonial? Se a *cuirização* em si fosse um projeto anticolonial e antinormativo, os diálogos que estamos considerando seriam inúteis. Os enredos complexos e mutantes entre a *colonialidade* e sexualidade, a soberania do Estado, os corpos e as etnias superam um projeto decolonial "queerizante" per se.

A desigualdade sistêmica da produção de conhecimento está relacionada com o acesso aos textos e aos debates em uma determinada língua. Mas essa desigualdade vai mais além. As arraigadas relações coloniais também facilitam a circulação e referências de autorxs do Norte Global que passam por cima de outras circulações que estão em desequilíbrio. Esses *desequilíbrios* vão além do Norte-Sul. Esses *desequilíbrios* ocorrem entre *Nortes* e *Suis*. No processo de edição deste número especial, e apesar de termos enfatizado a importância de nos envolvermos com os marcos e literaturas dos *Suis*, ou de estudos críticos estadunidenses da teoria *queer* (como a Teoría Crítica Queer de Color, *Queer of Color Critique*), a ausência desses trabalhos anteriores em muitas propostas de publicação nos impactou; assim como nos impactou

---

6 Vide Corrêa (2021).



ratificar a falta de uso de obras teóricas sobre produções sexo-dissidentes na América Latina, o que tornou a análise de textos literários/culturais ou estudos de caso na região uma espécie de experimento que apenas media seu *sucesso* a partir da produção teórica estadunidense. Com a expansão de plataformas de acesso aberto, como academia.edu, muitos artigos, capítulos e livros estão mais facilmente disponíveis em diferentes idiomas, então, mesmo enquanto escrevemos esta introdução, achamos preocupantes essas contínuas omissões, mas um vácuo produtivo que merece atenção.

Nossa chamada inicial pretendia, acima de tudo, a fazer uma chamada para textos sobre a decolonização do *queer*. No entanto, apesar de nossas tentativas de prever e nos adiantar às assimetrias já mencionadas, elas ressurgiram<sup>7</sup>. A edição especial que vocês vão ler não tem publicações andinas, nem escritos de pessoas não-binárias. O trabalho decolonial e intercultural também está ausente. No entanto, após uma reunião produtiva do *Grupo de Trabalho Feminista/Queer/Cuir (Cuir Américas Working Group)* patrocinada pela Universidade de Michigan com nossos membros do grupo de trabalho e anfitrião Larry La Fountain-Stokes, as vozes andinas, *sudacas* e não binárias ocupam um lugar central em uma mesa redonda organizada em Michigan, incluída neste dossiê (alguns de nós o chamamos de *pré-texto*, para se nos referirmos tanto à desculpa para nos reunirmos, quanto à transferência da oralidade para a forma escrita em suas etapas iniciais). A publicação dos poemas e ilustrações que ocupam um lugar dentro da produção do conhecimento do Sul supre essa forte necessidade de intervir no processo editorial para tentar mitigar parte das desigualdades estruturais que também se evidenciam na academia.

### Contrapor o *queer*, cuirizar o contraponto

Uma de nossas ideias de organização para este projeto foi a do *contraponto*. Depois de muitas *frustrações* no processo de edição, entendemos esse conceito de maneira diferente do que fizemos inicialmente (quando lançamos a chamada), não necessariamente como uma transculturação, como proposto na obra de Fernando Ortiz (1940), mas como um processo de *encontros* e *desencontros*, com o objetivo de criar um fórum para decolonizar o conhecimento e trazer *outros saberes* e práticas excêntricas aos paradigmas acadêmicos dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Imaginamos o processo deste dossiê *como um exercício de contraponto*, que apresentaria múltiplas instâncias de dissidência racial e sexogenérica por meio de diferentes contextos culturais. Em outras palavras, uma amostra das inúmeras práticas, histórias,

---

<sup>7</sup> Para uma primeira triagem de textos, lançamos uma chamada pública na qual solicitamos um resumo do que seria o artigo. Em seguida, com os artigos finalistas, procedemos a uma avaliação por pares e, em certos casos, buscamos fazer acompanhamentos mais pessoais para aprimorar os textos.



epistemologias e fenomenologias vigentes nas Américas que às vezes parecem incomensuráveis entre si. Nossa ideia foi colocar em diálogo frutífero (não sem contradições) essas múltiplas práticas de produção de conhecimento por meio de escritos, iniciativas sociais e ativismo, e, ao fazê-lo, empreender nosso próprio exercício de decolonização do conhecimento.

Ofender, transbordar, questionar, revolver, *contrapor*, significaram, nesse caso, colocar-nos na humilde posição daquele que escuta e age como intermediária cultural e não na posição colonial do *detentor de conhecimentos especializados*. Um dos elementos mais urgentes aplicados aqui, do trabalho seminal das mulheres racializadas e suas *escrevivências* (utilizando um termo cunhado pela brasileira Conceição Evaristo, romancista e teórica crítica da raça), é que o processo de decolonização da produção de conhecimento acontece através do diálogo e do conflito, isto é, através de um *contraponto* em um contexto, como o das teorias e práticas *queer*, marcado por sua própria *heterogeneidade contraditória* (1977, 1980), um conceito que enfatiza, mais que reconcilia, as contradições e desigualdades de poder.

O conceito de contraponto, então, não pode ser entendido sem outros conceitos latino-americanos. A *heterogeneidade contraditória* de Cornejo Polar tenta ressaltar como os encontros entre a *cidade letrada* e a *cultura popular*, mesmo que ocorram no mesmo espaço e tempo, nunca estão no mesmo patamar, uma vez que a escrita foi a forma como os espanhóis impuseram seu sistema cultural aos indígenas. No entanto, *oralidades* e *oralidades literárias* têm aparecido em textos escritos não de maneira pacífica, mas de formas tão contraditórias ou agressivas, que dificilmente se pode falar de diálogos, mas sim de interrupções.

À medida em que continuamos a escrever<sup>8</sup> esta introdução, estamos cientes de que este mesmo texto, como aqueles revisados por pareceristas cegos, existe dentro da cidade letrada. Além disso, a escolha do GLQ como uma nave mãe permite uma supervalorização dos currículos acadêmicos medidos por meio do texto escrito. Em outras palavras, assumimos que a prática acadêmica está localizada de forma escrita que, observamos, é também o mesmo lugar a partir do qual essas práticas são criticadas. É lá que devemos *sapatear* e *bibir* o pensamento *queer* através de metodologias que imitam o exercício corporal. É por isso que o contraponto de um corpo lésbico assume um significado particular ou que a heterogeneidade contraditória pode se transformar em heterobigeneidade contraditória. Nossas ações como editorxs buscaram, em parte, contrapor o dossiê, apesar de suas assimetrias insuperáveis. Dessa forma, desconfiamos da genealogia tradicional e pensamos mais do que textos fundamentais em encontros, como

---

8 Concordamos em alterar parte da introdução nas várias revistas para as quais coordenamos um dossiê. Isso se deve, em parte, aos limites de espaço na GLQ e, em parte, ao nosso desejo de intervir de forma mais resolvida em relação à bibliografia nesta versão.



espaços, conferências e reuniões que são locais de diálogo e interrupção para ressignificar outras formas de produção de conhecimento não limitadas exclusivamente ao texto acadêmico escrito.

### Contrapor a produção acadêmica

Assim como esta edição especial busca engajar-se em uma linha de diálogos, também busca romper o fluxo de produção de conhecimento que se assemelha a uma relação extrativista e hierárquica Norte-Sul (o Norte como lugar de produção, que muitas vezes extrai experiência do Sul para sua teorização, e o Sul como déficit e sempre em formação, aprendendo do e apreendendo o trabalho do Norte). Assim, o *Grupo de Trabalho Feminista/Queer/Cuir* vê esta edição especial como uma das muitas intervenções possíveis para alterar as condições de produção do conhecimento, articulando uma rede de locais onde o trabalho acadêmico e de ativistas e artistas rizomatizam, formando uma rede que explora o Sul e o Norte não apenas como conectados, mas como produtores ativos do pensamento *queer* fundamental (e formações do pensamento social). Isso reconhecendo e citando que os recursos de produção de conhecimento no Norte continuam a ser a norma invisível.

Levando a sério nosso papel de pesquisadorxs, educadorxs e/ou ativistas, cabe a todos nós contribuir para a construção e sustentação de processos de intermediação cultural, linguística e epistêmica, sem medo de assumir a política em nossa enunciação acadêmica. Fazê-lo permitirá sustentar pedagogias decoloniais, criando em última instância espaços seguros e de gozo para aqueles corpos e mentes que optaram por interpelar ou negociar constantemente os sistemas de heterossexualidade compulsória, o neoliberalismo predatório e a tirania institucional. A longo prazo, esses atos (e a vontade de resistir) poderiam criar um sistema de produção de conhecimento e valor epistemológico que vai além da geopolítica e dos centros de poder que produzem conhecimento ou o legitimam (através das próprias práticas de pureza da linguagem a que resistimos neste texto). Vemos nossos esforços no lançamento destas publicações como uma forma modesta de contribuir para a decolonização da produção de conhecimento e de nutrir visões de um mundo acadêmico e artista mais justo e equitativo.

Como parte desses esforços localizados, a bibliografia deste dossiê busca dar nomes úteis, com obras críticas que articulem gênero, raça, classe a partir de uma perspectiva decolonial, e assim contribuir com a construção de um conhecimento situado.



## A frustração como motor corporal

As reuniões por *Skype* e *Zoom* permitiram que nos reuníssemos a partir de cinco cidades: Florianópolis, Nova Iorque, Quito, Washington DC e Barcelona. Por causa da COVID-19, seus complexos (e ainda privilegiados) dias de isolamento, nossos encontros e conversas reviveram intermináveis discussões passadas e nosso trabalho em equipe evidenciou um encontro de *vivências*, de *saberes*, mas também de egos, feridas, dores e discursos encarnados verdadeiramente complexos. O quadro que nos forneceram *GLQ*, *Periódicus* e *El lugar sin límites* produziu um trabalho que excede - e às vezes caminha em paralelo com - o trabalho que conhecemos e usamos, e que contém divergências produtivas. Os textos que vieram através da chamada proporcionaram discussões mais consolidadas do que aquelas que continuamente tentamos trazer para o grupo de trabalho. Nossa mesa redonda é uma busca para equilibrar o desequilíbrio. Percebemos, com os membros do nosso grupo editorial, como, para algunxs, a chamada de resumos foi uma primeira barreira/desafio, enquanto outrxs reconheceram que algunxs artistas/ativistas e ativistas continuam seu trabalho independentemente da circulação acadêmica e da intermediação acadêmica. Embora nosso ponto de encontro tenha ocorrido graças ao pensamento *queer*, as estruturas acadêmicas e estruturais que enquadram a produção do conhecimento atuam ao mesmo tempo para visibilizar as impossibilidades *quir* nesta intervenção e, portanto, não podem chegar a ser cem por cento *quir*.

A frustração assume o centro do palco quando os textos que de outra forma se encaixariam não respondem à chamada; o centro e a periferia continuam funcionando, particularmente nas obras citadas de forma generalizada, a maioria dos artigos continuam citando teorias do Norte e não do Sul, mesmo com a produção *quir* dos últimos 5-10 anos<sup>9</sup>; as noções de *queer* ou *quir* (como esperado) não são suficientes para reunir nosso trabalho como editorxs (e entidades políticas nesse papel), cada umx com seus respectivos entendimentos - nem melhores ou piores que os outros - manchando o projeto; as exigências da academia estadunidense, mesmo com as melhores intenções, às vezes formam paradoxos com a produção latino-americana<sup>10</sup>; algumas regiões, como o Cone Sul, o Caribe ou o México, têm representação muito maior do que

---

9 Não se limitando ao nosso trabalho, mas incluindo, por exemplo: Viteri, Serrano e Vidal-Ortiz (2011); Falconí Trávez, Castellanos e Viteri (2014); Vidal-Ortiz, Viteri e Serrano (2014); Viteri e Picq (2014); Valencia (2016); Blanco, Pecheny e Pierce, (2018); Falconí Trávez (2018).

10 Destacamos que no Sul existem espaços estabelecidos (como seções de revistas) para gêneros bibliográficos híbridos, mesmo baseados na ficção, enquanto no Norte esses espaços mais orientados para a escrita acadêmica devem ser negociados para dar passaportes a certos textos. Da mesma forma, a existência de números DOI ainda não existe em todas as revistas do Sul, o que faz com que algunxs autorxs prefiram publicar no Norte, pois lá sim eles têm essa modalidade de registro textual. Finalmente, os recursos econômicos permitem, no Norte, ter equipes de produção para lidar com questões como as indexações - o que não é necessariamente o caso no Sul.



os Andes, a América Central ou o Brasil. Além disso, o COVID-19 exacerbou a gestão dos prazos, as reescritas e a tensão de nossas experiências cotidianas.

No entanto, se em Abya Yala a *raiva digna* ou a *fúria travesti* nos ensinaram alguma coisa, é que a frustração também produz éticas e estéticas produtivas (como algo também nos ensinou a *infelicidade* (o fatalismo) lesbo-queer de Sarah Ahmed no Norte). No nosso caso, a frustração, que é companheira da autossabotagem, tornou-se um motor que percebe que o trabalho feito negocia sua existência com o trabalho a ser feito. Nesse sentido, as propostas de Edelman de *nenhum futuro* não são possíveis dentro de nosso marco conceitual *cuir* que, entendemos, tem limites justamente porque os desejos de emancipação corporal na região têm outros caminhos políticos que não são os mesmos do Norte. Reconhecemos que a colonialidade do saber impõe a necessidade de referenciar o norte *queer* para entender isso que é o sul *cuir*; que a América Latina ainda é construída a partir dos eixos de poder colonialmente herdados, que são muros que queremos e devemos derrubar e que nos obrigam a que a frustração habite nossos desejos.

Assim, encontramos beleza na frustração e um potencial de movimento corporal. Diferentemente da psicanálise freudiana e de seu olhar patriarcal, a frustração que nos interessa não é a da psicanálise tradicional sobre a inveja fálica das mulheres, por exemplo, mas aquela que é gerada em conjunto, que abarca corpos desobedientes a sistemas cisheteropatriarcais que geram em nós desejos de conspiração coletiva.

Este dossiê convida, portanto, a continuarmos a analisar criticamente, sabendo que nosso mundo pós-colonial ainda é insuficiente para nossas demandas anticoloniais.

### **Esperança: o que esta edição contém e qual é uma maneira alternativa de lê-la?**

Um índice de conteúdos mapeia como abordar as páginas a seguir. Mas os mapas muitas vezes têm sido guias perniciosos na América (que nos EUA é chamado de “las Américas,” de modo a apaziguar o desejo de reclamar que muitas vezes temos: por que a pessoa estadunidense deve ser aquela que leva o gentílico “americanx”?), como visões coloniais de um continente submetido a divisões artificiais de território, tempo e imaginação. Aqui também percebemos a *heterogeneidade contraditória* que se opõe a uma visão singular de como ler e como sentir esse lugar. Há sempre múltiplos caminhos, múltiplas territorializações em jogo, incluindo o tripartido desta edição especial. O projeto visa promulgar, mais do que simplesmente representar, uma abordagem hemisférica do *cuir*.



É por isso que incluímos, além desta introdução, uma mesa redonda com Duen Sacchi, Dana Galán/David Aruquipa, Marlene Wayar e Ochy Curiel. Essa conversa aconteceu além-fronteiras e durante vários meses, antes e durante a pandemia. A mesa redonda lança as bases para a práxis que pretendemos destacar neste projeto editorial, uma forma de conversa intersubjetiva e dialógica - *o contraponto* discutido acima - que ressoa através de modos de discurso e personificação. A mesa redonda foi traduzida do espanhol para o inglês para a *GLQ*, permanece no original na *ELSL* e foi traduzida para o português para a *Periódicus*. Também incluímos dois poemas nesta coleção: “La cortadura”, de Raquel Salas Rivera, uma meditação sobre gênero/amor/corpo no terreno instável dos pronomes, o lar e a sobrevivência trans, que aparece em espanhol, inglês e português, e “Yo monstruo mío,” de Susy Shock, que se tornou um hino trans em toda a América Latina, e que aparece aqui pela primeira vez em inglês e em português. Os ensaios que se seguem são situados através do tempo e do espaço, das disciplinas e das línguas.

Assim, enquanto você, leitorx, pode ler os ensaios neste volume na ordem em que são exibidos, também pode invocar uma série de princípios organizacionais alternativos, como foco geográfico, interesse temático, orientação (inter)disciplinar, idioma, período histórico etc. Há grupos de textos que *fazem sentido* juntos. Por exemplo, quatro artigos transitam entre a Argentina e os Estados Unidos. O relato histórico de Patricio Simonetto sobre os movimentos de libertação homossexual em Nova York, Cidade do México e Buenos Aires ressoa com a teorização de Germán Garrido sobre a cosmopolítica no Norte Global e no Sul Global, que, por sua vez, fornece um arcabouço histórico para entender a orientação igualmente Norte/Sul de Cynthia Francica quanto às editoras queer e feministas, uma orientação que, finalmente, Rocío Pichón Riviere retoma como uma crítica fenomenológica através de corpos e fronteiras, uma transgressão que marca a pele como um lugar de intensa reflexão crítica. A pele, a carne, é a ideia central desenvolvida na análise do desmembramento nas Américas por Duen Sacchi, e seu texto, juntamente com o de Pichón Riviere, poderia informar a teorização de Gómez e Gutiérrez sobre as práticas estéticas (in)traduzíveis, em seu caso, a literatura e a performance. A leitura tripartite de Domínguez Ruvalcaba da estética da violência na cena da performance *underground* do México destaca essa perspectiva temática. E, no entanto, esse *underground* se conecta com o sonho sáfico teorizado por Nicola Chávez Courtwright no pós-guerra em El Salvador, e através do Golfo do México, com mais um *underground*, no trabalho etnográfico de Speakman sobre projeções de filmes cuir afrodiaspórico em Havana. O Caribe, portanto, se expande na leitura heterogênea da literatura contemporânea de Sophie Large, que também busca romper a fronteira entre literatura e teoria. Esse Caribe, por sua vez, contrai com a leitura de Christina León



centrada no escritor porto-riquenho Manuel Ramos Otero, mas não se submete ao confinamento de uma nação ou leitura nacionalista, mas, como poeira, flutua brilhantemente pelos territórios.

Como acadêmicxs que habitamos vários espaços no hemisfério e além dele, articulamos uma política de ética, de cuidado, de comunidade. Mais de uma vez ouvimos potenciais colaboradores dizendo-se surpresos com a oferta de uma reunião para dar apoio, esclarecer orientações assim que o processo de revisão por pares estivesse concluído e servir como uma caixa de ressonância. Nosso compromisso, cheio de discordâncias e camaradagem, ao mesmo tempo, baseou-se em mecanismos para aliviar as tensões, moderar as chamadas e cortar os monólogos de forma divertida. Nosso próprio contraponto foi apoiar o trabalho e cuidar-nos mutuamente precisamente através de nossas diferenças, nomeando o impacto da COVID-19 em nosso bem-estar individual e comunitário, com a possibilidade de imaginar outros presentes. Sendo afetadxs pelas hierarquias dominantes dos desequilíbrios nomeados, teorizamos, sentimos, pensamos e escrevemos a partir de um lugar de desconforto *cuir*, enquanto esboçamos e traçamos a esperança, que compartilhamos com vocês.

### Agradecimentos

Xs editorxs agradecem profundamente a dezenas de pareceristas cegxs que ofereceram seu apoio e excelentes sugestões para os trabalhos nas três revistas. Na *El Lugar Sin Límites*, agradecemos a Mariano López Seoane e Daniel Link, professores da UNTREF. Na *Periódicus*, agradecemos a Leandro Colling, da Universidade Federal da Bahia. Agradecimentos pontuais a Lawrence (Larry) La Fountain-Stokes, que nos reuniu e nos hospedou na Universidade de Michigan para a reunião do *Grupo de Trabajo Feminista/Cuir/Queer*. As concessões para esse encontro incluem o Centro Nacional para a Diversidade Institucional (*NCID em inglês*) da Universidade de Michigan, que, através do seu programa *Think-Act Tank Grant*, colaborou com o evento. Outros grupos universitários que apoiaram nosso encontro incluem a Iniciativa Brasil e o Centro para Estudos Latino-Americanos e do Caribe (*Brazil Initiative and the Center for Latin American and Caribbean Studies - LACS*), o Departamento de Estudos Africanos e Africanos, o Departamento de Cultura Americana (*Department of American Culture*), o Departamento de Línguas e Literatura Romance, o Departamento de Estudos de Mulheres e Gênero, o Instituto de Humanidades, o Instituto de Pesquisa sobre Mulheres e Gênero, o Programa de Estudos Latinxs (*Latina/o Studies*), a oficina de Diversidade, Equidade e Inclusão, a Faculdade de Literatura, Ciência e Artes (*College of Literature, Science, and the Arts -LSA*) e a Oficina Pesquisa da Universidade de Michigan. Por fim, agradecemos às tradutoras Cristina Yépez Arroyo, Marina



Segatti, Maria Isabel de Castro Lima, Carolina Hartfiel Barroso, Mayra Bottaro e Juliana Martínez e aos tradutores Helder Thiago Maia, Gabriel Varizi e Joseph M. Pierce.

---

### Bibliografia

Álvarez, Sonia. 2009. “Construindo uma política feminista translocal da tradução.” *Revista Estudos Feministas* 17 (3), 743–753.

Blanco, Pecheny y Pierce, Joseph (eds). 2018. *Políticas del amor: Derechos sexuales y escrituras disidentes en el Cono Sur*. Santiago de Chile: Cuarto Propio.

Corrêa, Sonia (ed.), 2021. *Proyecto Género y Política en América Latina*. Río de Janeiro: Sexuality Polity Watch.

Cruz Malavé, Arnaldo y Martin F. Manalansan (eds.). 2002. *Queer Globalizations: Citizenship and the Afterlife of Colonialism*, New York: NYU Press.

Davis, Fernando y López, Miguel. 2010. “Micropolíticas cuir: transmariconizando el Sur”, *Ramona. Revista de Artes Visuales*, 99, pp. 8-10.

Domínguez Ruvalcaba, Héctor. 2016. *Translating the Queer: Body Politics and Transnational Conversations*. Londres: Zed books.

Espinosa Miñoso, Yuderkys. 2015. “El futuro ya fue. Una crítica a la idea del progreso en las narrativas de liberación sexo-genéricas y queer identitarias en Abya Yala”. En Moarquech Ferrera-Balanquet, Raul (comp.), *Andar erótico decolonial*, (pp. 21-39). Buenos Aires: Ediciones el Signo.

Falconí Trávez, Diego. 2021. “La heteromarcageidad contradictoria como herramienta crítica cuy-r en las literaturas andinas”, *Revista interdisciplinaria de estudios de género* 8.

Falconí Trávez, Diego, 2016, *De las cenizas al texto. Literaturas andinas de las disidencias sexuales en el siglo XX*. La Habana: Editorial Casa de las Américas.

Falconí Trávez, Diego. 2014. “De lo queer/cuir/cuy(r) en América Latina. Accidentes y malos entendidos en la narrativa de Ena Lucía Portela”, *Revista Mitologías Hoy* 10, pp. 95-113.

Falconí Trávez, Diego; Castellanos, Santiago y Viteri, Ma Amelia. 2014. *Resentir lo queer en América Latina*. Barcelona: Egales.

Fiol-Matta, Licia. 2002. *A Queer Mother for the Nation: The State and Gabriela Mistral*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Giorgi, Gabriel. 2013. “La lección animal: pedagogías queer”, *Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria* 17, pp. 1-40.



Kaminsky, Amy. 2008. “Hacia un verbo *queer*”, *Revista Iberoamericana*, LXXIV (225), octubre-diciembre, pp. 879-895.

La Fountain-Stokes, Larry. 2014. “Epistemología de la loca. Localizando a la transloca en la transdiáspora”. En: Falconí Trávez, Diego et al. (eds.): *Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el Sur*. Egales: Barcelona, pp.133-145.

La Fountain-Stokes, Larry. 2002. “Dancing *La vida loca*. The Queer Nuyorikan Performances of Arthur Avilés and Isabel Marrero”, en: Arnaldo Cruz Malavé y Martin Manalansan (eds.): *Queer Globalizations: Citizenship and the Afterlife of Colonialism* (pp. 162-175). New York: NYU Press

Lugones, María. 2008. “Colonialidad y género”, *Tabula Rasa* 9, pp. 73-101.

Martínez, Echazábal, Lourdes. 2017. “Cuba: (Im)Possibilidades cuir na era da tolerância”, *UniLetras* 30 (2), pp. 243-255.

Miskolci, Richard. 2014. *Queering the Geopolitics of Knowledge*. En: Lewis, Elizabeth Sara et al. (eds.). *Queering Paradigms IV: South-North Dialogues on Queer Epistemologies, Embodiments and Activisms* (pp. 13-30). Bern: Peter Lang.

Muñoz, José Esteban. 1999. *Disidentifications: Queers Of Color And The Performance Of Politics*, Minneapolis: University of Minnesota Press.

Ochoa, Marcia. 2004. Ciudadanía perversa: divas, marginación y participación en la “localización”. En: Daniel Mato (coord.), *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización* (239-256). Caracas: Universidad Central de Venezuela.

Pierce, Joseph M. 2019. *Argentine Intimacies: Queer Kinship in an Age of Splendor, 1890–1910*, New York: SUNY Press.

Pierce, Joseph M. 2020. “El impasse deseante: Traducciones, malentendidos y racismo en Chile”. *Post(s). Revista del Colegio de Comunicación y Artes Contemporáneas USFQ* 6, pp. 27-57.

Piña Narváez, Yos (Erchxs). 2018. *No soy queer, soy negrx, mis orishas no leyeron a J. Butler*. Madrid: Zineditorial.

Rapisardi, Flavio. 2005. “Raras teorías del sur. Una experiencia de diversidades y desigualdad político sexual”, *Revista Orientaciones* 9, pp. 53-75.

Richard, Nelly. 2018. *Abismos temporales: Feminismo, estéticas travestis y teoría queer*. Santiago: Metales pesados.

Rivas San Martín, Felipe. 2011. “Diga ‘queer’ con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano”. *Por un feminismo sin*



*mujeres* (pp. 59-75), Santiago: Coordinadora Universitaria por la Diferencia Sexual.

Sabsay, Leticia. 2012. "The Emergence of the Other Sexual Citizen: Orientalism and the Modernisation of Sexuality", *Citizenship Studies*, 16 (5-6), pp. 605-623.

Sutherland, Juan Pablo. 2011. "La ciudad letrada marica: prácticas culturales y crítica activista", en: Daniel Balderston y Arturo Matute Castro: *Cartografías queer. Sexualidades + activismo LGBT en América Latina*, Pittsburg: University of Pittsburg Press, pp. 77-93.

Valencia, Sayak. 2016. *Capitalismo gore: Control económico, violencia y narcopoder*. Ciudad de México: Paidós.

Vidal-Ortiz, Salvador. 2015. "Brown Writing Queer," in *Queer Brown Voices: Personal Narratives of Latina/o LGBT Activism*, ed. Uriel Quesada, Letitia Gomez, and Salvador Vidal-Ortiz, Austin: University of Texas Press.

Vidal-Ortiz, Salvador; Viteri, María Amelia; Amaya, José Fernando Serrano. 2014. "Resignificaciones, prácticas y políticas queer en América Latina: otra agenda de cambio social". *Nómadas* 41, pp. 185-220.

Viteri, María Amelia, Serrano, José Fernando, and Vidal-Ortiz, Salvador. 2011. "¿Cómo se piensa lo queer en America Latina?" *ICONOS* 39. pp 47-60.

Viteri, María Amelia. 2017. "IntenSiones: Tensions and Queer Agency and Activism in LatinoAmérica" *Feminist Studies Journal*. 43 (2).

Viteri, María Amelia and Manuela Picq. 2014. *Queering Narratives of Modernity*. Berlin: Peter Lang.

Viteri, María Amelia. 2014. *Desbordes: Translating Racial, Ethnic, Sexual and Gender Identities across the Americas*. New York: SUNY Press.

Walsh, Catherine. 2009. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época*. Universidad Andina Simón Bolívar, Quito: Ediciones Abya-Yala.

### **Leituras adicionais/recomendadas**

Allen, Jefari. S. 2011. *¡Venceremos?: the erotics of black self-making in Cuba*. Durham, N.C.: Duke University Press.

Aponte-Parés, Luis, Jossianna Arroyo, Elizabeth Crespo-Kebler, Lawrence La Fountain-Stokes, and Frances Negrón-Muntaner (eds.) 2007. *Puerto Rican Queer Sexualities* 19 (1), pp. 4-24.

Arrizón, Alicia. 2006. *Queering Mestizaje: Transculturation and Performance*. Ann Arbor: University of Michigan Press.



- Balderston, Daniel y Quiroga, José. 2005. *Sexualidades en disputa: Homosexualidades, literatura y medios de comunicación en América latina*. Buenos Aires: Libros del Rojas.
- Barker, Joanne (ed). 2017. *Critically Sovereign: Indigenous Gender, Sexuality, and Feminist Studies*. Durham: Duke University Press.
- Cohen, Cathy. 2014. "Death and Rebirth of a Movement: Queering Critical Ethnic Studies". *Social Justice* 37 (4) (2011-2012), pp. 126-32.
- Domínguez-Ruvalcaba, Héctor. 2001. *La modernidad abyecta: Formación del discurso homosexual en Hispanoamérica*. Xalapa: Universidad Veracruzana.
- Driskill, Finley, Gilley, and Morgensen. 2011. *Queer Indigenous Studies: Critical Interventions in Theory, Politics, and Literature*. Arizona: University of Arizona Press.
- Driskill, Justice, Biranda, and Tatonetti. 2011. *Sovereign Erotics: A Collection of Two-Spirit Literature*. Arizona: University of Arizona Press.
- Falconí Trávez, Diego, (ed). (2018). *Inflexión marica: Escrituras del descalabro gay en América Latina*. Barcelona: Egales.
- Ferguson, Roderick A. 2004. *Aberrations in Black: Toward a Queer of Color Critique* Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- Giorgi, Gabriel. 2004. *Sueños de exterminio: Homosexualidad y representación en la literatura argentina contemporánea*. Rosario: Beatriz Viterbo.
- Guerrero, Javier. 2014. *Tecnologías del cuerpo: Exhibicionismo y visualidad en América Latina*. Madrid: Iberoamericana Verveurt.
- Johnson, E. Patrick. 2001. "'Quare' Studies, or (almost) Everything I Know about Queer Studies I Learned from My Grandmother", *Text and Performance Quarterly* 21 (1), pp. 1-25.
- Kyungwon Hong, Gracel y Ferguson, Roderick A. (eds.) 2011. *Strange Affinities: The Gender and Sexual Politics of Comparative Racialization*. Durham: Duke University Press.
- La Fountain-Stokes, Lawrence & Yolanda Martínez-San Miguel (eds). 2018. "Revisiting Queer Puerto Rican Sexualities / Revisitando las sexualidades puertorriqueñas queer". *CENTRO: Journal of the Center for Puerto Rican Studies* 30 (2).
- Molloy, Silvia. 2012. *Poses de fin de siglo*. Buenos Aires: Eterna Cadencia.
- Muñoz, José Esteban. 2009. *Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity*. New York: NYU Press.



- Ochoa, Marcia Ochoa. 2011. “Pasarelas y ‘Perolones’: Mediaciones transformistas en la Avenida Libertador de Caracas,” *Iconos* 39, pp. 123-42.
- Pérez, H. 2015. *A Taste for Brown Bodies: Gay Modernity and Cosmopolitan Desire*. New York: NYU Press.
- Pierce, Joseph M. 2020. “I Monster: Embodying Trans and Travesti Resistance in Latin America”, *Latin American Research Review*, 55 (2), pp. 305–321.
- Pierce, Joseph M. 2020- “Yo monstrúo: Encarnando la resistencia trans y travesti en América Latina”, Trad. Ramsés Martínez (Marica Desencantada). *El lugar sin límites* 4, pp. 165-194.
- Quiroga, José. 2000. *Tropics of Desire: Interventions from Queer Latino America*. New York: NYU Press.
- Rodriguez, Juana María. 2014. *Sexual Futures, Queer Gestures, and other Latina Longings*. New York, NYU Press.
- Rolón Collazo, Lissette y Beatriz Llenín Figueroa. (eds.). 2010. *Actas del Coloquio: ¿Del Otro La’o? Perspectivas Sobre las Sexualidades Queer*. San Juan: Editorial Educación Emergente.
- Salessi, Jorge. 1995. *Médicos maleantes y maricas: Higiene, criminología y homosexualidad en la construcción de la nación Argentina. (Buenos Aires: 1871-1914)*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo.
- Saunders, Tanya L. 2015. *Cuban Underground Hip Hop: Black Thoughts, Black Revolution, Black Modernity*. Austin: University of Texas Press.
- Sifuentes-Jáuregui, Ben. 2014. *The Avowal of Difference: Queer Latino American Narratives*. Albany: SUNY Press.
- Snorton, C. Riley. 2017. *Black on Both Sides: A Racial History of Trans Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Tallie, T.J. 2019. *Queering Colonial Natal: Indigeneity and the Violence of Belonging in Southern Africa*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

